

AS DITADURAS DO CONE SUL EM UMA PERSPECTIVA COMPARADA:

a instrumentalização do futebol como meio de propaganda durante o período Condor

Gabriel Luar Calado Bandeira¹

Amanda Batista da Silva²

RESUMO:

Este artigo busca analisar como o futebol foi utilizado como objeto de propaganda e instrumentalização das ditaduras sul-americanas no século XX, mais especificamente as do Brasil, Argentina, Uruguai e Chile. A pesquisa, fundamentada em ampla análise documental e bibliográfica, integra perspectivas interdisciplinares, envolvendo História, Sociologia, Geografia, Jornalismo e outras áreas, evidenciando o papel do futebol no entrelaçamento entre política, cultura, economia e ideologia durante regimes ditatoriais.

PALAVRAS-CHAVE: História Comparada. Futebol. Ditadura Militar.

THE SOUTHERN CONE DICTATORSHIPS IN A COMPARATIVE PERSPECTIVE: the instrumentalization of football as a means of propaganda during the Condor era

ABSTRACT:

This article aims to analyze how football was used as an object of propaganda and instrumentalization by South American dictatorships in the 20th century, more specifically those in Brazil, Argentina, Uruguay and Chile. The research, based on extensive documentary and bibliographical analysis, integrates interdisciplinary perspectives, involving History, Sociology, Geography, Journalism and other areas, highlighting the role of football in the intertwining between politics, culture, economy and ideology during dictatorial regimes.

KEYWORDS: Comparative History. Football. Military dictatorship.

¹ Graduado em História pela Universidade Federal da Paraíba. Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba (PPGH- UFPB). Membro do grupo de pesquisa GEPEHTO - Grupo de Estudos e Pesquisas em História do Trabalho. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1341876571230136>. E-mail:gluarcalado@gmail.com.

² Graduada em História pela Universidade Federal da Paraíba. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba (PPGH- UFPB). Membro do grupo de pesquisa ProjetAH - História das Mulheres, Gênero, Imagens, Sertões. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6814057273624980>. E-mail:amanda_batistaa1@outlook.com.

Introdução

No século XX, as relações de dominação na América do Sul, continuam, mesmo que com as nações já independentes, marcadas pela forte herança da colonização, escravidão e genocídio no continente, ainda que com diferentes proporções. O mundo inteiro está agora diretamente ligado pela disputa política, ideológica e econômica presente na Guerra Fria, até mesmo quando se pretende se desvincular dos dois grandes blocos. O período republicano das democracias do sul nunca foi sinônimo de tranquilidade, principalmente estando sob olhares dos interesses europeus e estadunidense. Não foram poucas os golpes seguidos de ditaduras militares na América Latina como um todo, sob a argumentação de estarem salvando a população da “ameaça comunista”.

Na segunda metade da década, os conflitos e golpes se intensificaram. Iniciase então um efeito dominó: Paraguai em 1954, Brasil em 1964, Bolívia em 1964 e 1971, Argentina em 1966 e 1976 e Chile e Uruguai em 1973. Em todos estes exemplos, houve a dissolução do congresso nacional por meio das forças armadas. A ameaça de uma “ditadura comunista” estava longe de acontecer, e isto inclui até mesmo o exemplo do Chile, que democraticamente elegeu o candidato da Unidad Popular, Salvador Allende. Entre as semelhanças, a participação direta dos Estados Unidos no financiamento e apoio político aos golpistas de cada país talvez seja a mais cristalina, assim como o caráter conservador, religioso, censurador e militar. A forma, porém, em que cada regime era gerido possuía suas particularidades: havia diferenças sociais, econômicas, acadêmicas, militares, geográficas, futebolísticas, assim como a forma como lidaram com as mesmas posteriormente, seja por via de uma Transição por Consenso ou Transição por Colapso (FRIDERICH, 2017). Mesmo depois de décadas, o “fantasma” destas ditaduras ainda assombra o continente, e se faz visível em vários momentos de nosso cotidiano, ou como diz o livro de Emiliano López: “as veias do sul continuam abertas”.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

O futebol, maior símbolo nacional naquele momento, não sai ilesa desse processo. Foi – e ainda é – terreno fértil de disputa político-ideológica, e, apesar de futebol e ditadura militar se tratar de dois assuntos já muito pesquisados, tanto no Brasil quanto nos demais países, há sempre pontos a serem explorados, principalmente aqueles utilizando-se de uma metodologia de História Comparada, em uma perspectiva global. Como diria o historiador e economista polonês Witold Kula, em uma citação encontrada por Carlos Eduardo da Costa Campos:

[...] nos mostra que todos os trabalhos científicos necessitam da aplicação do método comparativo, para ampliação do conhecimento. Segundo o autor, tal comparação poderia ocorrer de forma direta ou indireta, nas pesquisas, por exemplo, o ato de nomear um novo fenômeno descoberto precisaria da comparação para se verificar se se trata de uma inovação ou se é um fato já conhecido pela comunidade científica (KULA, 1973: 571, apud CAMPOS, 2011).

O exemplo clássico que está mais presente no imaginário popular é o do Brasil que viu o tricampeonato em 1970 ser usado como propaganda ufanista pelos militares. O país de Didi, Garrincha e Pelé, que conquistou o mundo duas vezes antes do golpe, agora tinha nesta taça a principal prova de que o país estava nos trilhos corretos. Em pleno AI-5, o lema era “Pra frente Brasil, salve a seleção!”. Quando se tem a maior seleção e o maior jogador da história no seu time, a propaganda consegue, claro, um alcance maior, mas, nada disto é exclusividade do Brasil: o mesmo ocorreu na Argentina de Videla durante a Copa do Mundo de 1978, no Uruguai de Méndez durante o mundialito de 1980, assim como nos demais países da América do Sul, à exemplo do Chile de Pinochet. A Europa também não sai ilesa desse processo, pois foi quem deu o pontapé inicial: a Itália de Mussolini campeã mundial em 1934, as olimpíadas da Alemanha de Hitler em 1936, as polêmicas Ligas dos Campeões dos times da Espanha de Franco, a forte presença do colonialismo na seleção de Portugal de Salazar, e entre outros exemplos. Claro, não é algo exclusivo do século passado, nem mesmo das ditaduras, mas o recorte ajuda a compreender melhor as nuances de como o esporte e política sempre caminharam juntos.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Operação Condor

Em meio a tantas ditaduras na América do Sul, não haveria contexto mais favorável para acordos de cooperação entre elas do que o que se vivia. A pedido de Pinochet, Juan Manuel Guillermo Contreras Sepúlveda organiza um encontro secreto entre forças militares destes países para formar uma campanha de repressão, censura e de terror de Estado, chamada Operação Condor. Ela foi implementada – ao menos oficialmente – pouco mais de 2 anos após o golpe no Chile. O apoio e financiamento dos Estados Unidos era mais do que certo e previsível. Os serviços de inteligência e de repressão caminhavam juntos, o DOPS, CCD, DINA etc.

Como já citada, a Revolução Cubana foi decisiva para a idealização dos golpes, mas a contextualização daquela década ultrapassa o continente. A globalização e as disputas políticas, militares e ideológicas durante a Guerra Fria estava presente nos 4 cantos do mundo. O bloco socialista crescia, e em 1975, com exceção da Oceania, já contava com países em todos os continentes. A revolução dos Cravos em Portugal e a independência dos países da África lusófona lideradas Exércitos de Libertação Nacionais mostram como redes de solidariedade internacionalista existiram em enorme proporção, e analisar tais medidas em perspectiva global amplia o leque de possibilidade de análises (PAREDES, 2022, p.18). Mas, mais do que qualquer outro continente, a Ásia assumia o posto do continente com mais experiências socialistas. Contava com China, Mongólia, Coreia do Norte, e ainda com a região asiática da União Soviética. E é neste continente, mais precisamente durante os conflitos na região da Indochina, que os Estados Unidos toma a decisão de estar ainda mais presente na política latino-americana, e com isso ajudar na criação da Operação Condor. Neste trecho de Leonardo Marmontel Braga, ele apresente um relato importantíssimo:

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

O fracasso norte-americano na Guerra do Vietnã foi decisivo para a decisão de criar a Operação Condor. Em abril de 1975, as informações sobre a derrota do Vietnã do Sul (aliado ianque) foram levadas ao encontro em Santiago no segundo semestre daquele ano, inquietando os militares que consideravam que inimigo semelhante existia na região. Os militares, considerando que o mesmo fracasso poderia ocorrer no Cone Sul, decidiram imprescindível e urgente o desenvolvimento de uma organização contrarrevolucionária regional. (BRAGA, 2014. p. 119).

Com o auxílio da CIA e FBI, os Estados Unidos seguiam com o enorme poder de decisão em boa parte da política latino-americana, a fim de garantir que nada saísse muito além do que planejava seus interesses. O auxílio era tanto que até escolas de métodos e técnicas de torturas foram ensinados – e aumentando ainda a perspectiva global, a França que utilizava de cruéis torturas na Guerra da Argélia repassou seus ensinamentos aos militares brasileiros :-:

O governo norte-americano durante a Guerra Fria recomendava a unificação das agências de informações sul-americanas, sob a supervisão da Central Intelligence Agency (CIA). A CIA intermediava os contatos, interconectando as iniciativas de diferentes exércitos e fornecendo a capacitação técnica, militar e ideológica aos parceiros sul-americanos. Além dela, o Federal Bureau of Investigation (FBI), outro serviço de informações americano, participou veladamente da Condor. (DINGES, 2005, apud BRAGA, 2014. p. 121)

Durante estas ditaduras, a Doutrina de Segurança Nacional elevou o “combate ao inimigo” a tal ponto que se implementou por meio de golpes um Terrorismo de Estado. O uso da violência sistemática, tática de intimidação, controle direto e indireto das liberdades e direitos públicos e individuais e violação dos direitos humanos entre setores de uma população. É a partir do terror e do medo que tais regimes conseguem manter uma longevidade. Caroline Silveira Bauer comenta como prática da censura é essencial para tais ditaduras: “controle e manipulação dos meios de comunicação escritos, orais e visuais, tiveram como consequência deliberada a geração do terror ou, como alguns autores preconizam, de uma ‘cultura do medo’, fruto da ‘trivialização do horror?’” (BAUER, 2005).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

O futebol nas ditaduras do Cone Sul

Estádios servindo de campo de tortura clandestino, ex-jogadores como agentes do DOPS, Copa do Mundo servindo como maquiagem de repressão. Não havia possibilidade de o esporte mais globalizado do mundo passar batido neste processo de cooperação e integração das ditaduras sul-americanas. Os clubes estavam integrados, e as seleções mais ainda. Para além do clássico exemplo da Copa do Mundo, havia as competições internacionais de clubes como a “recém” criada Copa Libertadores, e ainda os próprios campeonatos nacionais, que buscavam esta integração entre suas próprias regiões, como foi o caso do Brasil.

Os estádios como ambiente de tortura e mortes

Talvez o exemplo de maior expressão não só na América do Sul como no mundo seja o do Chile. Os primeiros dias após o golpe militar foram extremamente violentos, com encarceramento em massa, tortura e fuzilamentos de maneira que as prisões comuns e os quartéis se encontravam sem espaço para tanta gente. A solução então, se encontrava em deslocar estes presos para o principal estádio do país, o Estádio Nacional do Chile, palco de final de Copa do Mundo e de final de Libertadores.

Segundo a apuração do jornalista Maurício Brum, estima-se que cerca de 40 mil pessoas estiveram presas no estádio e cerca de 400 foram assassinadas, entre estas pessoas, estavam figuras famosas como o cantor e militante Victor Jara. Havia também uma ala especial para os estrangeiros presentes, que compunha pelo menos mais de 600 pessoas de diversas nacionalidades, sendo em sua maioria, argentinos, brasileiros, uruguaios e bolivianos. Até o presente momento, estima-se que 89 brasileiros foram presos no estádio, incluindo 3 paraibanos. Com a desculpa de

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

contenção de guerrilhas comunistas – mesmo mais da metade não tendo sequer filiação partidária –, o estádio virava a maior prisão a céu aberto do país.

Foi justamente por meio de uma partida de futebol que a iniciou-se uma evacuação no estádio. O Chile disputaria uma partida contra a União Soviética, pela repescagem da Copa do Mundo de 1974. Os soviéticos, porém, se recusaram a disputar uma partida em um estádio manchado de sangue, fato que acabou protagonizando uma das partidas mais vergonhosas do esporte: a seleção chilena entrava sozinha em campo, e tabelava até o gol vazio, sem goleiro nem qualquer adversário. Para amenizar o ocorrido, um dia antes, a federação chilena de futebol havia ligado para o Santos propondo um amistoso, rapidamente aceito – e ao qual o clube brasileiro golearia por 5x0-, mostrando em mais uma oportunidade, a integração entre os militares dos dois países.

No Brasil, o estádio Caio Martins, localizado em Niterói - Rio de Janeiro e pertencente ao governo do Estado, também funcionou como campo de prisão e tortura. O estádio foi, inclusive o primeiro a ser utilizado para tal finalidade no continente, antes mesmo que o Estádio Nacional do Chile, que importou da mesma prática em maior escala. Lá, 339 prisões oficiais foram relatadas, mas a projeção é bem maior, ultrapassando os mil presos, segundo vários depoimentos, sendo um deles o advogado o Manoel Martins, que foi um dos presos no local.

Na Argentina, apesar de não haver relatos oficiais de prisões e campos de torturas nos estádios, era possível observar a proximidade entre os mesmos e os centros de detenções a poucos quilômetros dali. Ailín Bullentini, do projeto “Papelitos”, mostra como os 6 estádios, de 4 províncias diferentes do país, estavam cercados de centros de detenção e tortura. Estadio “José María Minella” estava rodeado de pelo menos quatro centros de detenção de Mar da Plata; “Malvinas Argentinas”, perto do principal centro de extermínio de Mendonza, e assim por diante com os demais (estádios Mario Kempes, Monumental de Nuñes, José Amalfitani, “El ‘Gigante’ de Arroyito”). Por mais que Videla buscasse maquear toda

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

a situação do país, surgiram ao longo da Copa do Mundo denúncias realizadas pela imprensa internacional.

No Uruguai, havia o Cilindro Municipal, que diferentemente dos demais, não se tratava de um estádio de futebol, mas sim do maior estádio fechado de basquete da cidade de Montevideu, que tinha como característica seu tamanho e capacidade. Nele, foram presos e torturados 4 militantes comunistas, que conseguiram de forma bem-sucedida fugir daquele ambiente. Tal história virou livro por parte de um dos fugitivos, o Miguel Millán, em “¡Faltan 4!: la fuga del Cilindro Municipal de cuatro comunistas en 1976”.

Para estas ditaduras, todos os espaços precisavam cumprir com seu utilitarismo militar. Os estádios não eram mais vistos como espaço público de lazer, entretenimento e trabalho, mas sim como mais um espaço de possibilidade de terror e poder. Parafraseando Ryszard Kapuscinski, em seu livro “A Guerra do Futebol”: “Na América Latina, os estádios de futebol exercem duas funções: nos tempos de paz são palcos de partidas; em tempos de crise, transformam-se em campos de concentração” (pg.203).

As Copas como propaganda:

Esta é talvez, a forma mais conhecida da instrumentalização do futebol como uso político propagandístico de ditaduras. Ganhar uma Copa é um prato cheio e um sonho para qualquer ditadura. E para aqueles que além de ganhar vão sediar, ter essa conquista no seu próprio país torna tudo ainda mais favorável. A ideia de expor grandeza para o público, nestes casos, ultrapassa a necessidade de aprovação interna; exibir eficiência, organização, ordem e bem-estar do povo era uma forma de mostrar à população e ao resto do mundo de que tudo está ocorrendo bem no país. Neste item, serão analisadas e comparadas as conquistas do Brasil, Argentina e Uruguai.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

O tricampeonato de 1970:

O Brasil em 1970 participaria no México de sua 9ª Copa do Mundo. Era já naquela altura, o “bicho papão” do futebol. Havia ganho 2 das últimas 3 Copas, e apesar da eliminação na última edição e da desconfiança por conta das polêmicas que a acompanhavam nos meses anteriores ao evento, era vista como favorita, pois além do melhor jogador da história, possuía um elenco recheado de craques e camisas 10 dos principais times da época. A ditadura militar não só sabia da qualidade que aquela seleção tinha, como sabia do poder de influência que o futebol possuía na opinião popular. Se os militares interviam em tudo, por que não em um assunto que afetava tanto o país então? As intervenções foram diretas, antes da Copa, houve a demissão do técnico da seleção, Saldanha, jornalista e membro do PCB. Um dos pedidos feitos por Médici era a convocação do Dadá Maravilha, centroavante do Atlético Mineiro à época, e que não foi atendido por Saldanha; “Ele escala o ministério, eu convoco a seleção”, disse o “João Sem Medo” à imprensa, que mesmo deixando o cargo com 6 vitórias em 6 jogos nas eliminatórias, logo foi trocado por Zagallo.

Durante a Copa do Mundo de 1970, o Brasil chegou ao tricampeonato goleando a Itália por 4x1. O país e o mundo inteiro se encantavam por Pelé, Jairzinho, Tostão, Rivellino, Gerson, Clodoaldo, Carlos Alberto etc. A música “com brasileiro não há quem possa” parecia cada vez mais certa. E era o que mais queria Médici e companhia. No ápice do Ato Institucional 5 (AI-5), os militares utilizavam do “Milagre Econômico” e da vitória na Copa do Mundo como exemplo de que o país estava nos trilhos certos. O lema era “Brasil, ame ou deixe-o”. A censura imposta como política de Terror de Estado, ajudava a não levar uma contraposição do que acontecia à população e ao resto do mundo, que agora tinha no futebol sua principal atenção no momento. O não pronunciamento de nenhum dos jogadores

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

convocados, que parecia desconhecer tudo o que se passava no período, ajudou a preservar a imagem dos militares. Era o combo completo para uma ótima propaganda.

A Copa do Mundo de 1978 na Argentina

A ditadura militar na Argentina, assim como foi no Brasil, presenciava o ápice da repressão, censura e do terror. O número de desaparecidos aumentava cada vez mais, assim como a quantidade de lugares destinados à tortura e execução. A esperança estava na seleção nacional, que contava com Kempes, Passarella e Fillol e estavam em busca do título inédito para o país. A diferença, porém, estava em um detalhe: esta Copa do Mundo seria realizada na Argentina. A escolha do país sede desta edição foi realizado 12 anos antes, ainda em 1966, durante a Copa que foi realizada na Inglaterra. Curiosamente, em 1966 o país vivia também em uma ditadura, porém, com características diferentes da vigente durante o “Processo” de Videla.

Além da famosa ação das Mães de Maio, crescia meses antes, um movimento de boicote a realização do evento em meio à um país que tanto violava os direitos humanos: o Comitê de Boicote à Copa da Argentina (COBA):

Fundado no final de 1977, o COBA era resultado da associação entre dois distintos grupos políticos de esquerda francesa. Por um lado, estavam militares mobilizados pela questão dos exilados argentinos e da crise política que vivia o país, que participavam do Comité de Soutien du Peuple Argentin (CSPLA), desde 1975. (...) Por outro lado, grupos formados principalmente por indivíduos focados na crítica histórica do uso do esporte, baseados principalmente nos casos da Copa do Mundo da Itália em 1934. E dos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936 (MAGALHÃES, 2014, p. 128-129 apud FERNANDES, 2023)

Em meio a todas as acusações de violação de direitos humanos pela mídia internacional, maquiar o que acontecia no país era o melhor método de responder. E ganhar a Copa no seu próprio país então, significava mais do que provar a sua

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

eficácia no âmbito futebolístico, mas provar a eficácia do regime, que buscava a todo momento se associar de forma intrínseca a seleção, no desejo de serem um só.

Liderado por Kempes, a Argentina ganhava a sua primeira Copa do Mundo em cima dos Países Baixos. A edição foi marcada por algumas polêmicas, dentre a principal: o jogo entre Argentina e Peru. Assim como no Brasil, os jogadores, alheios à tudo que acontecia, não confrontavam o que acontecia ao seu redor. Talvez o técnico Menotti, abertamente à esquerda o pudesse fazer. Mas, mesmo sem prestar apoio e ainda ser crítico ao regime, evitava confrontos com os militares. A imagem da Argentina conseguiu uma sobrevida de sua imagem, mas aos olhos internacionais já não apresentava o mesmo prestígio que conseguiu internamente.

O “Mundialito” de 1980/1981 no Uruguai

A Copa de Ouro dos Campeões Mundiais, mais conhecida como “Mundialito”, foi a competição idealizada para comemorar os 50 anos de história da Copa do Mundo, que teve sua primeira edição em 1930 no Uruguai³. O país escolhido para sediar o evento não poderia ser outro além do Uruguai: além de primeiro país sede, foi também o primeiro campeão. A competição foi planejada para receber todos os campeões mundiais até então: Brasil, Argentina, Alemanha, Inglaterra e Uruguai. A Inglaterra se recusou a jogar por reclamar do calendário. Com isso, os Países Baixos, mesmo sem ter ganho uma Copa do Mundo, assumiu este posto.

O principal objetivo da ditadura uruguaia era a de realizar um evento aos moldes da Argentina em 1978, que ajudasse a melhorar a popularidade de seu regime e tornar aquela competição uma forte propaganda política. A popularidade do governo, porém, mantinha-se cada vez mais baixa. Com a pretensão de legitimar o regime, acontece no dia 30 de novembro de 1980, um plebiscito que pretendia modificar a constituição para favorecer ainda mais os moldes estabelecidos pela

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

ditadura. O resultado, porém, foi uma recusa de 56% da população nos votos. O declínio não era algo exclusivo do país, visto que os movimentos de Anistia política ganhavam força no Brasil, e na Argentina, devido à crise, Videla viria a renunciar meses depois da competição.

Para os militares, o clima para o Mundialito já não era o mesmo, mas ainda existia uma forma de reverter aquilo: ganhando a competição. De fato, foram campeões. A Celeste possuía grandes jogadores dos dois principais times do país, o Nacional e Peñarol, que iriam tempos depois também ser campeões mundiais pelos clubes. A seleção que iniciou desacreditada, finalizou levantando a taça em cima do Brasil, que mesmo sem seu principal jogador, Zico que estava machucado, ainda contava com Sócrates, Júnior, Tita, Paulo Isidoro e outros craques.

A redução de danos da ditadura parecia estar prestes a se concretizar. Porém, como relata Danilo Rodrigues Paiva, era possível ouvir no estádio o público eufórico gritando: “vai acabar, vai acabar a ditadura militar” (CASTRO, 2012). Era o início do fim, que gradativamente se concretizou anos depois.

João Havelange: ponto de encontro

Analizando os três exemplos, é possível observar que o contexto apresentado de cada um ocorreu em fases diferentes destas ditaduras: popularidade, evento, propaganda, crítica internacional e contextos futebolísticos diferentes. No entanto, características em comum são bastante perceptíveis: em todos as federações de futebol destes países, havia militares ocupando os principais cargos. Não é que havia interferência militar nas seleções, mas sim que os mesmos agora eram parte dela. A forma utilitarista de se ver observar competições como objeto de possível propaganda não é necessariamente algo exclusivo de ditaduras, mas indiscutivelmente fez parte do planejamento das mesmas. E não há forma melhor que exemplificar esta cooperação entre países presentes na Operação Condor, do

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

que compreender quem era o presidente da CBD em 1970 e quem era presidente da FIFA em 1978 e 1980/1981: o brasileiro João Havelange, amigo próximo dos militares brasileiros e demais ditadores sul-americanos. Tanto na Argentina, como no Uruguai, houve contestação da realização do evento em um país sob Terrorismo de Estado, mas em todas estas, João Havelange preferiu acobertar os regimes vizinhos, como é possível observar neste trecho sobre a Copa de 1978:

“O recém-eleito presidente da FIFA, o brasileiro João Havelange, negociou a manutenção da organização da Copa na Argentina em troca da libertação de Paulo Antonio Paranaguá, filho de um diplomata brasileiro que havia sido preso juntamente com sua namorada em 1977, ignorando as pressões externas (GÓMEZ, 2021; LLONTO, 2005, apud FERNANDES, 2023, pg. 12).

E também sobre o Mundialito de 1980:

“A mim não teve nenhum problema porque não faço política, eu faço esporte, tem que respeitar quem está no governo. se é bom, ou se é ruim não é minha decisão.” (BEDNARIK, 2009 apud PAIVA, 2021)

Como bem apresenta Aníbal Chaim: Havelange conseguiu se promover a tal ponto pela CBD, que, conseguiu em 1974 a sua eleição à presidente da FIFA. Isto ajudou e muito para que se tornasse o ponto de encontro e de ligação entre os agentes militares e representantes oficiais dos esportes sul-americanos, afinal, ocupava o cargo mais alto da federação esportiva mais importante do mundo.

Resistências e o debate da memória: considerações finais

Com a ascensão da extrema-direita pelo continente, o fantasma da ditadura inevitavelmente se faz ainda mais presente no cotidiano político da população. A forma como cada país administrou o fim destas ditaduras carregam as consequências de seus erros e acertos políticos, que muitas vezes só se fazem visíveis anos depois. Utilizando-se de elementos trabalhados por March Bloch

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

(2001) e Sebastian Conrad (2019), como o modelo de comparação, e compreendo a história destes países por meio de uma visão global e integrada, que conseguimos proveitosamente, acompanhar e analisar novas possibilidades para os desafios dos quais trabalhar com memória histórica carrega. O feito e o não-feito viram inevitáveis fontes de debate para passos futuros.

Hoje, são inúmeras as ruas, bairros e espaços públicos no Brasil que ainda possuem nome de governantes que assumiram tal poder por meio de posse antidemocrática e ditatorial. Os estádios de futebol construídos durante a ditadura militar seguem em sua maioria com o nome dos antigos governadores. A ideia de que fomos uma “ditabrand” sem tanta repressão é erroneamente propagada, a ponto de que influenciar diretamente no pouco que se fez em relação ao seu extenso e terrível legado deixado. Há, claro, principalmente após a realização das Comissões da Verdade, um movimento importantíssimo de luta pela mudança de tais nomes nos espaços públicos, mas proporcionalmente, ainda há um longínquo trabalho pela frente.

Utilizando-se de alguns exemplos: no Estádio Nacional do Chile, existe hoje uma faixa escrita “um povo sem memória é um povo sem história” no setor que foi mantido intacto à modernização do estádio, a fim de preservar a memória daqueles que ali sofreram. O espaço segue funcionando e sediando jogos importantes de clubes e da seleção, mas mantém, uma parte do mesmo dedicada à memória das vítimas de Pinochet. Esta é apresenta uma pequena amostra de possibilidades para conseguir estabelecer uma comunicação entre o povo com a sua história.

Em todos estes países citados houve resistência em todas as áreas, incluindo no futebol. No Chile, Carlos Caszely, um dos principais nomes do futebol chileno, teve sua mãe torturada após o jogador se negar a apertar a mão de Pinochet. Os seus relatos junto a sua mãe em rede nacional foram fundamentais para o plebiscito que deu fim à ditadura. No Brasil, preservar a história de figuras como Sócrates e

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Reinaldo, que conhecidamente lutaram contra a ditadura militar no país, assim como a história da Democracia corintiana, são ações que mantem viva a memória histórica daqueles que ousaram lutar. A insistência para que estes clubes, que possuem um enorme alcance popular, caminem juntos com o que faz parte também da história deles, é algo essencial.

Com este artigo espera-se que tais resultados possam, de alguma forma, contribuir para futuras pesquisas sobre o tema. A preservação da história e a memória daqueles que foram atingidos direta ou indiretamente pela ditadura militar, assim como os que seguiram resistindo apesar de toda truculência, repressão, censura e demais adversidades impostas, devem estar sempre presentes nos objetivos de um pesquisador.

REFERÊNCIAS

BAUER, Caroline Silveira. **Um estudo comparativo das práticas de desaparecimento nas ditaduras civil-militares argentina e brasileira e a elaboração de políticas de memória em ambos os países.** Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre/Departament d'Història Contemporània da Universitat de Barcelona, Barcelona. 2001.

BEDNARIK, Sebastian. **Mundialito.** Uruguai, Brasil: Coral Cine. 2009.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou o ofício do historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRUM, Mauricio. **La cancha infame:** a história da prisão política no Estádio Nacional do Chile. Editora Zouk, 2017.

CAETANO, G. & RILLA, J. **Breve historia de la dictadura (1973-1985).** Montevideo: Ediciones Banda Oriental, 1998.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

CONRAD, Sebastian. **O que é História Global?** Crítica, 2019.

FERNANDES, Alessandro. Sportwashing e a copa de 1978: como Argentina usou a copa do mundo para esconder os crimes de sua ditadura militar. **Recorde: Revista de História do Esporte**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 1-21, 2023.

FRIDERICHES, Lidiane Elizabete. Transição democrática na Argentina e no Brasil: continuidades e rupturas. **Revista Aedos**, v.9, n.20, p.439-455, 2017.

GÓMEZ, Clara Maduell. Campeonato Mundial de 1978: O futebol usado a favor do governo de facto. Rio de Janeiro: **Recorde**, v. 14, n. 1, pp. 1- 19, jan./jun. 2021.

HOROWICZ, Alejandro. **Las dictaduras argentinas**. Historia de una frustración nacional. Buenos Aires: Edhasa, 2012.

LLONTO, Pablo. **La verguenza de todos**. Ediciones Madres de la Plaza de Mayo, 2005.

MAGALHÃES, Lívia Gonçalves. **Com a taça nas mãos**: Sociedade, copa do mundo e ditadura no Brasil e na Argentina. Lamparina, 2014.

MARMONTEL, Leonardo. **Operação Condor**: A internacionalização do Terror. Estudios Avanzados, 2014.

MONTEALEGRE, Natalia; PEIRANO, Alondra. El dispositivo de la prisión política: Resonancias y reproducción del terrorismo de Estado en Uruguay. **Revista Contemporanea, Historia y problemas del siglo XX**. Año 4, Volumen 4, 2013.

PADRÓS, Enrique Serra. **As Ditaduras de Segurança Nacional**: Brasil e Cone Sul. Porto Alegre: CORAG, 2006.

PADRÓS, Enrique Serra. **Terrorismo de Estado e luta de classes**: repressão e poder na América Latina sob a doutrina de segurança nacional. História e Luta de Classes, nº 4, julho, 2007.

PAIVA, Danilo Rodrigues. **As múltiplas facetas do futebol**: a construção propagandística do mundialito pela ditadura uruguaia. Ludopédio, São Paulo, v. 143, n. 49, 2021.

PAREDES, Marçal de Menezes. Para Além da Lusofonia: o Toronto Committee for the Liberation of Portugal's African Colonies (TCLPAC) do Canadá e a Luta

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Anticolonial em Angola e Moçambique (1972-1975). **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 14, n. 35, e0108, jan./abr. 2022.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade